

## RESENHA

DELIGNY, Fernand. *Semilla de Crápula: consejos para los educadores que quieran cultivarla*. Buenos Aires: Cactus; Tinta Limon, 2017.

**Cláudio Benito O. Ferraz**

Departamento de Educação – FCT/UNESP/Presidente Prudente

Líder do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas (GPLG)

cbenito2@yahoo.com.br

O belo, pequeno e estranhamente grande livro do professor/pensador/artista Fernand Deligny veio a público em 1945, na França, quando seu autor tinha 35 anos. Agora, passados mais de 70 anos de sua publicação, ele consegue se atualizar de maneira instigadora e tão necessária nesses dias de ignorância empoderada. Esse foi o primeiro livro de Deligny, o qual delimita as perspectivas que trilhará seu trabalho com crianças e jovens delinquentes, marginais, psicóticos, autistas, enfim, com grupos sociais identificados como perigosos ou “doentes”, distantes ou fora das idealizadas noções de corpos normais ou saudáveis. Seus encontros com esses corpos marginalizados instigaram sua sensibilidade em “tentativas”, como ele conceituava sua necessidade de tomar decisões, de inventar métodos e pensamentos que escapassem dos modelos do “como fazer”, criando e experimentando, no sentido artístico do termo, com os próprios jovens as posturas e pensamentos que fugiam das normas institucionais ou científicas padronizadas.

Seus textos, filmes, desenhos e pensamentos com esses jovens nos afetam e nos atravessam; instigam todo aquele que trabalha com o universo da educação (pedagogos, professores, pesquisadores, psicólogos, filósofos etc.) a pensar sobre os referenciais teóricos e as práticas desse território escolar, sobre esses corpos estudantis os quais acostumou-se a identificar como sujeitos a serem “formados”, a se estabelecer procedimentos para que sejam adultos idealmente melhores.

Suas tentativas foram abordadas por pensadores do porte de Gilles Deleuze e Felix Guattari (Mil Platôs, vol. I, 1995), que o tomam como referência rizomática na elaboração do método cartográfico, ou seja, que não busca interpretar o comportamento dos jovens e estudantes, mas traçar o movimento de seus corpos, permitindo assim melhor localizar os mesmos em relação ao território de orientação por eles vivenciado. Em Deligny encontramos sempre a “tentativa” de organizar uma “vida em comum” com os jovens, buscando formas “comuns” de territorializar as relações entre os corpos, de criar o espaço de relações como o acontecimento do encontro de corpos (dos jovens e de nós com eles).

No livro aqui resenhado já identificamos muito dessas “tentativas” que serão posteriormente desdobradas, ampliadas e atravessadas por Deligny, perdurando para além



da sua morte, que ocorreu na França em 1996. Contudo, essa edição Argentina tem qualidades que justificam tomar a ela e não a original francesa como mote dessa resenha. De um lado, a boa tradução para o castelhano feita por Sebastián Puente, que enfrentou as artimanhas do linguajar criativo e desafiador de Deligny; por outro, o agregado de três pequenos artigos de artistas e pensadores argentinos que dialogam com o texto do escritor francês.

O primeiro artigo é do escritor e diretor de cinema argentino Cesar Gonzáles, o qual é intitulado *“El conflicto eterno entre los unos e los otros”*; o segundo artigo *“San Deligny”* é do Coletivo Juguetes Perdidos, esse coletivo desenvolve ações, oficinas e intervenções junto aos jovens nos diversos bairros e distritos de Buenos Aires; O último texto é *“Escuela intervenida y emancipada”*, do blogueiro e poeta argentino Diego Valeriano. Além desses, há uma pequena introdução escrita pelo próprio autor na qual reflete sobre o conteúdo e atualidade de seu livro numa reedição do mesmo em 1960. Tudo isso em apenas 78 páginas. É um livro curto, mas denso, prazeroso, mas desafiador. Uma bela obra que nos provoca e questiona sobre nossas verdades, crenças e desejos.

Na introdução, Deligny questiona os ideais que possuía no momento da escrita do livro e, quando passados 10 anos de sua publicação, tinha sérias críticas aos conselhos endereçados aos educadores que compunha o subtítulo da obra. Pensou até em mudar o título para *“Semilla de crápula, o el charlatán de buena voluntad”*. Passados mais alguns anos, sua crítica sofreu mudanças, não era mais de repudiar ao conteúdo do texto, mas de como o mesmo acabou se tornando o arquétipo de seus desejos de fuga e temores de captura em relação ao pensamento institucionalizado, normatizado. Ao denominar cada um de seus conselhos aos educadores de “cometas”, ou seja, pequenas luzes que traçam linhas de orientação no céu do pensamento, seu desejo de fugir das amarras institucionais, que fixam e enquadram as formas de pensar e agir, acabou preso no emaranhado de fios traçados pelos “cometas”.

[...] por más que tiraba de las cuerdas como hacen los buceadores cuando quieren volver a subir, mis cometas muy a menudo me han dejado pudriéndome en ese lugar del cual hubiera querido salirme. Me ha sucedido algo peor. Siempre elevado por esa manada disparatada de declaraciones cuya forma había hecho artesanalmente a gusto yo mismo, me encontré a la cabeza en la creación de organismos de reeducación (DELIGNY, 1917, p. 14)

Essa introdução já pontua os limites, perigos e beleza desse livro que reverbera em todo aquele que deseja algo de melhor, mais criativo e inovador em educação de jovens. Como se nos encontrássemos sempre numa espécie de “entre lugar”, entre um mundo de fórmulas e modelos e normas, que tem sua razão de ser para dar um certo sentido de organização em meio ao caos da vida e a necessidade de sempre termos que burlar e fugir desses modelos que fixam o pensamento, institucionalizam os processos de aprendizagem e acabam por inibir a criação de novos territórios e sentidos para a vida.

Ao adentrarmos ao texto vamos percebendo essa constante tensão entre o que ali está escrito de intenção para o trabalho com jovens problemáticos e, ao colocarmos esses pensamentos no contexto escalar de outras obras e atividades do autor, podemos traçar

referenciais dos perigos que aquelas boas intenções tendem a incorrer quando se institucionalizam e se generalizam em clichês e opiniões tomadas como idealmente boas.

O texto de Deligny começa com uma relação entre as ações dos profissionais ou bem-intencionados, para com a educação de jovens marginais e delinquentes e os que trabalham com o plantio de grãos. Arar um campo para produzir trigo e ter que enfrentar as sementes de ervas daninhas que ali se proliferam e resistem.

Si frecuentas a las crias de hombre em la escuela [...] conoces al semilla de crápula como el cultivador conoce el cardo, la cinzaña o la neguilla, maldiciéndolos [...]. Pero no te apresses a barrer tus graneros, no prepares tus cuerdas para segar. La cosecha, si hay cosecha, será para outro momento, para más tarde o para siempre. Com esta diferencia: que la semilla de crápula es de todos modos semilla de hombre (DELIGNY, 2011, p. 17).

A semente das pragas e transtornos que plantamos em nosso campo social é na verdade semente de homens. A escola, entre outras instituições, se coloca como a instância competente para corrigir esses erros de conduta, consertar esses desvios de rota, extirpar as pragas em prol de uma paisagem harmoniosa de trigos dourados ao sol. O objetivo é tornar possível a colheita de bons grãos quando esses jovens se tornarem adultos, com todas as habilidades e plenas condições de se integrarem a sociedade. O problema é justamente não entender que os erros, a violência, as pragas sociais estão simbioticamente atadas ao constructo social que produzimos/vivenciamos. Tomar o processo educacional como um corretivo para eliminar os erros e desvios de comportamento em prol de um modelo idealizado de bom agir, pensar e ser é não perceber toda a dinâmica espacial na qual estamos localizados.

Elege-se metafisicamente um modelo do que vem a ser o homem entendido como correto, normal e saudável, mas se esquece que é apenas uma projeção cindida, uniformizada e idealizada que tenta fixar uma identidade do que é o homem: um adulto padrão e íntegro, trabalhador responsável, superiormente civilizado e cidadão comprometido com o bem social. Mas esse adulto, essa ideia de humano efetivamente não existe é muito empobrecedora e limitada.

Deligny aponta que nesse modelo a ser reproduzido, mesmo com as melhores metodologias de ensino, mesmo que os jovens não tenham condições de argumentar contra essa imposição, por trás do gestual aparente de aceitação e submissão, encontramos na verdade uma força de resistência, pois eles olham esses “modelos que *“les propones como un sapo mira a una mariposa”*”, e assim nos iludimos com a ideia que somos, enquanto adultos, modelos para eles e esquecemos que nunca fomos *“um modelo de niño”* (DELIGNY, 1917, p. 33).

Ao assim proceder o processo educacional, acaba-se numa luta inglória contra as pragas da colheita. Quanto mais se combate e tenta moldar esses jovens para um padrão comum de como agir e pensar, mais crápulas, mais violência, ódio e ignorância estamos plantando e colhendo. Ao invés de negar ou combater a esses monstros da educação movidos apenas por uma crença metafísica nos valores morais de boa conduta, de modelo

correto de pensar e se comportar, Deligny deixa entrever que seria mais produtivo mergulhar nessa dinâmica espacial que os jovens elaboram para podermos criar com eles outras possibilidades de convivência territorial, outros sentidos de lugar naquele mesmo local em que a vida acontece.

Mas os métodos de ensino, as instituições corretoras e escolares, os professores, pesquisadores e profissionais de educação preferem a postura mais cômoda de reproduzir os modelos científicos e pedagógicos ao invés de mergulhar no território dos monstros e elaborar tentativas de se criar relações espaciais de vida em comum. Ao final de seu texto, um dos últimos cometos em forma de metáfora a aconselhar os bem-intencionados que trabalham com os jovens.

Quando hayas pasado treinta años de su vida poniendo a punto sutiles métodos psico-pediátricos, médico-pedagógicos, psicanalítico-pedotécnicos, em la víspera de la jubilación, tomarás una buena carga de dinamita e irás discretamente a hacer volar algunas manzanas en una villa miséria. Y en un segundo habrás hecho más trabajo que en treinta años (DELIGNY, 1917, p. 51).

Palavras terríveis, pensamento crapular de quem ainda tinha muito que experimentar o universo da educação e do encontro com os diversos grupos de jovens problemáticos. E esse “muito que experimentar” não significa “amadurecer para mudar de opinião, mas como colher dessas sementes de crápulas plantadas no início, os grãos de pensamentos e atividades instigadoras de outras possibilidades, para não ser capturado pelas instituições e especialistas que já sabem as respostas certas e verdadeiras. Os demais textos que complementam o livro fundamentam essa possível perspectiva.

Cezar Gonzales parte de sua experiência como jovem delinquente, que ficou cinco anos encarcerado, para questionar as instituições corretoras e educacionais de jovens problemáticos e marginalizados. Para ele, os que atuam nessas instituições, seja por quais motivos for, vão com os valores do mundo externo ao território desses jovens, acabam por não reconhecerem a riqueza da linguagem (oral, gestual e sensual) desses corpos irrequeitos e transgressores.

Pero toda beleza física, léxica y gestual que expresan los pibes y las pibes, [...] se detiene si en la escena irrumpe la figura institucional. Esos pibes que estaban casi en trance al hablar, se quedan congelados cuando aparece un educador, um psicólogo, um trabajador social, etc. No importa se dicha figura institucional es de izquierda o de derecha (GONZALES, in DELIGNY, 2017, p. 57).

O Coletivo Juguetes Perdidos coloca em seu artigo a importância do pensamento de Deligny para os que entendem a pertinência de se envolver com esses territórios de grupos marginais. O constante desafio de fugir de fórmulas a serem reproduzidas, assim como de ser movido pela ilusão de que vai curar, consertar e salvar a partir da perspectiva de que se é modelo para esse outro. Essas idas e vindas que envolvem todo corpo compromissado com a vida é um dos desafios que o livro *Semilla de Crápula* nos apresenta, pois corre-se sempre o risco de não se abrir para o oculto, para as marcas escondidas da resistência e da vida.

Estos idas y vueltas sirven para pensar los modos que adquieren las citas secretas entre generaciones, pero también la relación expectante que tenemos con las intensidades que son radicalmente extrañas a nuestras formas de vida. Y aquí Deligny vuelve a interrumpirnos [...]. Su estilo no permite medir su trabajo con los pibes en términos de éxito o fracaso. Se enseña a vivir amando la vida, y aquí pierden valor las recetas o las frustraciones, ninguna enseña nada: se vive o no y punto (in DELIGNY, 2017, p. 67).

O último artigo que completa o livro é um pequeno texto de Diego Valeriano a partir de sua experiência de pai que tem um filho na escola e de como o pensamento de Deligny o provoca a reivindicar uma escola, não a partir da linguagem ou perspectiva da instituição escolar, mas da vida criada e tensionada no encontro dos corpos estudantis.

Para reivindicar la escuela hay que abandonar el lenguaje y el punto de vista escolar. Reivindicar que la escuela la hacen los pibes, que se forjan en la escuela mientras la van forjando, mientras engañan a la otra escuela, la de la burocracia y los pedagogos. Reivindicar como ese lugar único de experimentación, subsistencia, sufrimiento y goce. [...] Saber que muchas veces la escuela es un lugar donde los adultos se hunden en lo caótico y se sienten amenazados. Saber que los pibes como reales hacedores de la escuela perciben cosas insospechadas, deseos, dolores reales y preguntas nunca hechas (in DELIGNY, 2017, p. 78).

É um belo pequeno e grande livro. Mas para lê-lo sem os preconceitos da boa visão científica, temos que nos abrir para outras perspectivas de pensamento, as quais nos envolvem nesse território caótico da vida.

*Recebido em junho de 2017.*

*Aprovado em dezembro de 2017.*